

# CAPA

# BATINA



BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA  
Rua das Taipas, 34, 2.º Dt.º — 1250 Lisboa • Telef.: 343 10 37

NR5 - 2.ª Série — Maio / 95

## EDITORIAL

A actual Direcção da nossa Associação e a Direcção do «Capa e Batina» quiseram proporcionar-me a oportunidade de escrever umas palavras para os antigos estudantes de Coimbra em Lisboa.

Ao passar o testemunho para os novos dirigentes, gostaria, em primeiro lugar, de expressar o meu reconhecimento a todos os sócios da Associação por me terem dado a honra de presidir à Direcção durante o mandato que agora terminou. É um dos cargos que inscreverei com orgulho no meu curriculum.

Cabe à nossa Associação contribuir para a preservação do melhor que a tradição académica de Coimbra gerou: uma cultura de valores tão importantes como a camaradagem, a solidariedade, o espírito de tolerância, a irreverência, a humildade.

Convenhamos em que não é fácil transpor para uma grande metrópole como Lisboa essa mística da academia de Coimbra; mas é inegável que ela persiste em muitos dos que viveram a Coimbra da velha Universidade, dos poetas e das canções que a imortalizaram.

A minha passagem pela Direcção da Associação deixou-me muitos momentos de alegria e o meu património de amigos foi enriquecido; entre estes, devo realçar os membros da Direcção que me acompanharam, a eles se devendo a maioria das iniciativas de sucesso durante o mandato; aos que comigo deixaram a Associação — o vice-presidente Armando Rocha, Augusto Costa Santos e Salomé Moreira — devo-lhes um abraço de reconhecimento; aos que continuam, expresso os meus votos sinceros do maior sucesso, para que possam fazer mais e melhor.

Durante o nosso mandato, perdemos o fundador e grande impulsionador da Associação, o nosso querido Albano Martins da Costa.

Recordamo-lo com saudade.

No período em que presidi à Associação, foram muitos os momentos de convívio inesquecíveis: os jantares mensais, as Comemorações da Tomada da Bastilha, os passeios em que se harmonizaram a gastronomia, cultura, conversa, novas relações e amizades, normalmente regados com bons vinhos regionais e abrilhantados com os talentos dos muitos artistas com que conta a Associação.

Enriquecemo-nos debatendo algumas das importantes questões nacionais, com personalidades antigos estudantes de Coimbra do maior relevo na vida política, social, cultural e económica do País. Sempre num clima de abertura, tolerância e pluralismo de opiniões e sempre sem nos deixarmos enredar em questões que pudessem dividir-nos.

Deixo a Associação com pena e também com alguma frustração, já que não pudemos ou não conseguimos atingir alguns objectivos importantes que nos propusemos.

Devo confessar que a maior frustração foi não ter conseguido trazer para a Associação um peso significativo das novas gerações de estudantes de Coimbra radicados em Lisboa; a continuidade, o rejuvenescimento da Associação e a própria ligação entre as várias gerações nela representadas, constitui a meu ver um dos maiores desafios que se colocam à Associação. E do sucesso desse desafio resultam em boa parte outras legítimas ambições, que pressupõem meios financeiros só possíveis de obter com maior número de sócios e maior empenhamento de todos.

Caros Amigos: muitas felicidades para os novos corpos sociais, e saudações académicas para todos os Colegas.

**Proença de Carvalho**

# ÓRGÃOS SOCIAIS PARA O TRIÉNIO 1995/97

## — APRESENTAÇÃO E MENSAGEM —

Como é já do conhecimento de todos, no passado dia 7 de Abril iniciaram o seu mandato os novos órgãos sociais da nossa Associação, eleitos nos termos estatutários e assim constituídos:

### DIRECÇÃO

Presidente – Maria de Fátima de Lencastre

Vice-Presidente – Alcindo Costa

Vice-Presidente – Fernando Paula

Secretário – Gustavo Cerdeira

Tesoureiro – Jorge Santos

Vogal – Maria Antónia Dionísio

Vogal – João Queiroga Chaves

### MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente – António de Almeida Santos

Vice-Presidente – Francisco Chichorro Rodrigues

1.º Secretário – Germano Gouveia

2.º Secretário – José Lima Lobo

### CONSELHO FISCAL

Presidente – Fernando Pardal

Vogal – Joaquim Oliveira Martins

Vogal – Fernando Cardoso

Neles se integram não só os membros dos primeiros órgãos sociais que se mostraram disponíveis, numa expressão de solidariedade e camaradagem académicas que é a melhor garantia da continuidade das acções desenvolvidas durante o mandato que findou; mas também novos membros, que se propuseram ajudar aqueles a fortalecer e alargar os laços que unem todos os antigos estudantes de Coimbra.

Uns e outros testemunham à Direcção cesante o maior agradecimento pelo capital de iniciativas e experiência que lhes deixou em herança e protestam a intenção que a todos anima de, conjugadamente, fazer frutificar esse capital também em sua homenagem.

É que, como em todos os valores que comandam as acções que a todos beneficiam, a actividade da nossa Associação tem de beber a sabedoria de

experiência feita no passado e buscar a vitalidade inovadora dos jovens que nos desconhecem e urge atrair.

Para suporte do primeiro desiderato, vai ser criado um **Conselho de Veteranos**; para o segundo, lança-se sobre cada associado o «tributo» de propor, pelo menos, um Novo Sócio (e novo, se possível...).

Essa actividade — sempre na prossecução dos objectivos estatutariamente definidos — manterá e reforçará as acções tendentes a:

- a) Promover as relações e intercâmbios com todas as Associações e Delegações dos Antigos Estudantes de Coimbra, quer no país, quer no estrangeiro;
- b) Proporcionar a participação de todos os associados em realizações culturais, nas várias vertentes, de iniciativa da Associação, ou de outras entidades, oficiais e privadas;
- c) Fomentar o convívio entre todos os associados e famílias;
- d) Prestar assistência moral e a material possível aos associados que dela necessitem.

Para o efeito, foram já criados Grupos de Trabalho, coordenados pela Direcção, para apoiar nos domínios Cultural, Filantrópico, Recreativo e de Divulgação.

Em concretização, estão neste momento estabelecidos contactos permanentes com as Associações homólogas do Funchal e do Porto e, bem assim, com a Delegação de Braga e calorosamente reestabelecidas a união e solidariedade com a «**Associação – Mãe**» de Coimbra.

Como pano de fundo — e de prioritária consecução — estão em curso diligências visando obter o reconhecimento da Associação como de Utilidade Pública e, sobremaneira, satisfazer uma velha e justa aspiração de todos: uma SEDE condigna!

Nesse sentido, lançou-se no dia 7 de Abril um apelo formal e colectivo (na sequência de outros informais e pessoais) ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, em missiva que integrou um abaixo assinado (com cerca de 150 assinaturas), encabeçado por uma poética «**irreverência académica**» do Ângelo Araújo, tal como vão reproduzidos na página seguinte:



Exm°. Senhor  
Dr. Jorge Sampaio  
Digm°. Presidente da  
Câmara Municipal de Lisboa

Em concretização dos pedidos já formulados a V.Ex°. em 6/4/93 (carta junta) e verbalmente em Junho p.p., aquando da serenata à Amália Rodrigues, e na sequência da carta que anuncia uma audiência para o efeito, vimos agora, formalmente, reiterar a enorme confiança que nos anima de em breve obter da Câmara Municipal de Lisboa uma das muitas benesses com que habituou os seus municípios associados:

A concessão (a título gratuito ou levemente oneroso...) de uma instalação para SEDE da nossa Associação!

Dada a média etária elevada dos nossos associados - que em grande parte se deslocam em transportes públicos - permita-nos, Senhor Presidente, sugerir algumas das características que, desejavelmente, teria de revestir essa almejada instalação:

- 1°. Localização central, com fáceis acessos em transportes públicos e estacionamento (v.g. Alameda D. Afonso Henriques, Praça de Espanha, Campo Grande...);
- 2°. Independência e pouca elevação em relação ao solo;
- 3°. Área que permita vir a dispor de um bom salão para convívio e actividades culturais e uns 2 gabinetes normais.

Rua das Taipas, 34 - 2ª Dª - 1200 Lisboa Telf. 343 10 37  
Contribuinte nº 502 955 597

Permitimo-nos ainda adiantar o conhecimento que temos da existência de casas devolutas ou só parcialmente ocupadas, como a da Av. Santos Dumond (serviços sociais camarários), a da Av. de Berna; e, bem assim, de Escolas do 1º Ciclo com salas disponíveis, como as n.ºs. 121, 110, 33, propondo-nos, quanto a estas, obter a eventualmente necessária anuência do Ministério da Educação.

Mais protestamos a nossa disponibilidade para, em alternativa, restaurar uma casa degradada que satisfaça os restantes requisitos.

Esta Associação dispõe actualmente de cerca de 800 sócios, todos em coro uníssonos no apelo que aqui fica registado.

Crentes no melhor acolhimento que vai merecer da parte de V.Ex°, aguardamos com ansiedade uma resposta e cumprimentamos com a maior estima e

Saudações Académicas

Lisboa, 7 de Abril de 1995

Mesa da Assembleia Geral Direcção Conselho Fiscal

*Facundo José Aichorro Rodrigues*  
*António A. Costa*  
*António de Sousa*  
*António de Sousa*  
*António de Sousa*  
*António de Sousa*  
*António de Sousa*

P.S. E depois de tanta "seriedade", vamos à irreverência académica que é nosso apanágio.

(SEGUE)

Ora bem!  
Dizem que há  
Em Belém  
Um Centro  
Que, c'os demónios,  
Queria entrar p'ra dentro  
Dos Jerónimos

Mas, embora irreverentes,  
Ficaremos mais contentes  
Com "coisa" bem mais modesta  
E que a ninguém fará falta:  
Uma CASA sempre em festa  
P'ra gaúdio da Malta;  
Onde seja manifesta  
A verdadeira cultura,  
A cultura humanística  
E real  
Que nada tenha a ver co'a estatística  
Ou visão contabilística  
Do mundo actual

Mas explico melhor,  
Ora ouça, por favor:

Foi um Dinis que erigiu  
Em Coimbra Estudos Gerais ...  
Um Marquês reconstruiu  
A Baixa desta cidade  
- Capital das capitais.

Mas muito mais que um Marquês  
E mesmo mais que um Dinis  
Na verdade, cá p'ra gente,  
Este acto de à cultura  
Dar um centro condizente  
Mostra um Jorge inteligente  
E um Sampaio com 'statura.

E a Malta, toda contente,  
Pois nunca foi egoísta,  
vem pedir-lhe a gentileza  
De, já num "Centro" decente,  
De cultura humanística,  
Ter connosco o Jorge à mesa.

O Almeida Santos manifestou particular empenho, ao comprometer-se a entregar pessoalmente ao destinatário, tanto mais que este se mostrara receptivo em «conversa a dois».

Será que alguém resiste ao «Pesado» desafio de tal apelo?

A ver vamos... mas a fé é enorme e — com a ajuda de todos — nada demoverá a MALTA!!!

# PASSEIO A MÉRTOLA E AO ALGARVE

Realizou-se em 25 e 26 de Março passado o já tradicional Passeio da Primavera, desta vez a Mértola e ao Algarve — aliciante e de preços convidativos!!!

Que o diga o interesse dos associados, a exceder todas as expectativas: levámos 3 autocarros completos, mas os inscritos davam para levar 5!!! Só que não havia quartos no Hotel...

A partida foi às 8 em ponto, com paragem na zona de Grândola e chegada à Herdade dos Cachopos cerca das 13 horas.

Infelizmente, não pudemos ir ao Pulo do Lobo, porque o caminho não dava para passarem os autocarros. Mas do local trouxemos uma «fome de lobo» para a Herdade dos Cachopos, onde o Presidente Proença de Carvalho e sua Mulher Natália nos aguardavam com a maior alegria e acolheram com o calor de verdadeiros anfitriões.

O Almoço (assim mesmo, com um «A» muito grande!) foi espectacular: nunca tantos comeram tanto em tão pouco tempo!!! É que às 16 horas, mau grado os protestos de uns quantos, que não queriam abandonar as mesas, onde ficou muita comida (e que comida!!!), tivemos de partir para Mértola. Os agradecimentos de todos ao casal Proença de Carvalho foram traduzidos, em breves palavras, pela Fátima Lencastre e pelos nossos vibrantes «EFE ERRE ÀS»!!!



Casal Proença de Carvalho com membros da Direcção

Depois, um salto a Mértola, onde só «podíamos» estar 30 minutos, mas ultrapassámos a hora e meia: o panorama deslumbrante, os vestígios árabes e romanos, a

igreja (mesquita) e o castelo foram demais para se verem em tão pouco tempo. Voltaremos!

À chegada ao Hotel Montechoro, cerca das 20 horas, aguardavam-nos 26 dos nossos Colegas do Algarve. Logo começaram os tão académicos abraços, alguns com mais de 30 anos de atraso!!!

Os quartos eram estupendos e os «pas-seantes» depressa se organizaram.

O famoso «Jantar-Bufferet do Montechoro» foi muito apreciado e nós fizemos-lhe as honras, não deixando os nossos créditos por mãos alheias.

Enquanto a malta dos fados ensaiava, ao microfone sucederam-se os Colegas contando «histórias» do seu tempo de Coimbra, piadas, anedotas, etc.

Depois, foi a singela, mas sentida, homenagem aos «algarvios» da Académica (o Chico Abreu, o Delfino, o Teixeira, do Futebol e o Zé Manuel, do Basquetebol) e dos Fados (o Barros Madeira). O Ernesto, que não estava presente por imperativos profissionais/oficiais, foi representado pela Mulher, a Gracinda, que é uma simpatia irradiante. Palavras de agradecimento por tantas alegrias que nos deram no seu, e nosso, tempo de Coimbra, ditas com emoção por mim (Tito de minha graça...).

A Fátima Lencastre incentivou o movimento associativo, já em marcha, dos antigos estudantes de Coimbra no Algarve.

Depois, a habitual troca de prendas simbólicas (um emblema da Associação, uma caneta e as nossas publicações) entregues pelos restantes membros da Direcção: a Fátima, a Salomé e o Alcindo.

Estava a cerimónia no fim, chega esbaforido o Ernesto, que conseguira «fugir» aos compromissos oficiais e que se viera juntar a nós. Mais emoção e abraços.

Por fim, a Serenata pela «Tertúlia Académica Torre d'Anto» (Baterias, David Leandro e Zé Tito), que acompanharam o Marcelino, o Tito, o Sutil Roque, o Camacho e o Barros Madeira, este especialmente saudado por todos os presentes que não esqueceram a sua voz extraordinária. E que bem que ele cantou!!!

No final, a Balada da Despedida e, com a alegria de sempre, os «EFE ERRE ÀS»



Grupo no Hotel Alvor

tradicionais e a esperança de que ali estava a nascer o núcleo do Algarve da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra.

A madrugada ia avançando e o dia havia sido pleno de emoções e alegrias; era necessário repousar, tendo os magníficos aposentos do Hotel Montechoro cumprido bem a sua missão.

A manhã de Domingo 26 começou com um «ataque» decidido, e melhor sucedido, ao espectacular pequeno-almoço do Hotel Montechoro. Havia quem dissesse que já tinha almoçado!!! Conversa fiada, como mais tarde se provaria...

Cerca das 10 horas, partiram dois autocarros para Albufeira, especialmente destinados aos Colegas que queriam assistir à Santa Missa e outros que queriam apenas passear.

Ao meio-dia, partida para o Hotel Alvor.

Breve passagem pela Praia da Rocha, Praia do Vau (onde não fomos cumprimentar o Senhor Presidente da República, apenas pela simples razão de que ele não estava lá!), Alvor e chegada ao lindíssimo Hotel, onde, junto à Piscina, num ambiente agradabilíssimo, nos foi servido um óptimo almoço.

Cumprindo o horário, cerca das 15 horas partimos para o Promontório de Sagres que visitámos demoradamente, «apreciando» as «inovações arquitectónicas» que por lá se fizeram, para espanto e indignação de muitos de nós (os mais sensíveis...).

Por fim, o regresso a Lisboa, novamente com paragem cerca de Grândola e chegada dentro do horário previsto, o que a todos agradou.

Não podemos deixar de sublinhar que o 3.º autocarro foi o mais animado durante todo o Passeio, transmitindo as manifestações da sua alegria e boa disposição aos outros autocarros via rádio.

Julgamos poder afirmar que este foi um dos melhores Passeios que a anterior Direcção organizou, encerrando com chave de ouro um ciclo que incluiu Passeios a Portalegre, Castelo de Vide e Marvão, a Amarante e ao Douro, a Campo Maior, Évora e Monsaraz, e ao Porto e Braga.

Regiões lindas há que esperam a nossa visita: Beira Baixa, Beira Alta, Trás-os-Montes, Madeira, Açores (e porque não Olivença?). O apelo aqui fica à actual Direcção e a todos os associados.

**Vale a pena continuar a descobrir Portugal.**

**Tito Costa Santos**

# EU, O GUARDA-CHUVA E O ESPECTADOR DA BANCADA

Ano de 1935. O vetusto e exíguo Campo de Santa Cruz, ali no paradisíaco Parque da Sereia, era, todas as tardes, «democraticamente» retalhado em várias parcelas, nas quais várias equipas compostas por miudagem liceal disputavam intermináveis encontros de futebol, com bolas já tortuosas e cozidas, alugadas ao sr. Zé, guarda do campo, e de equipamentos mais díspares, (as próprias cuecas, camisolas interiores e sapatos normais).

As balisas, profundamente fixadas aqui e ali, e correspondendo aos múltiplos e distintos grupos, eram formadas com as capas e batinas enroladas, com os livros ou com tudo o que servisse para delimitar a área dos guarda-redes.

Enfim, uma autêntica barafunda em que, todavia, toda aquela rapaziada de verdes anos se entendia e não confundia, embora as inúmeras bolas e intervenientes de cada uma das diferentes equipas, em simultâneo movimento, continuamente se entrechocassem durante o ardor da disputa.

Eu, com os meus então quatorze anos, também fazia parte integrante e diária de uma dessas aguerridas equipas. E quantas e quantas cuecas, e camisolas interiores rasguei e quantos sapatos esmurrei...!

Mas, era ali o mais válido centro de recrutamento de futuros jogadores da BRIOSA desse tempo, onde os responsáveis do futebol académico iam observar e «pescar» os jovens mais habilidosos, a fim de, principalmente, passarem a constituir as equipas de júniores e as das categorias secundárias.

E eu tive a sorte de ser um desses jovens «pescados», iniciando-se, assim, a minha vida desportiva!

Dos dezanove anos que joguei futebol, doze deles enverguei a camisola negra da nossa BRIOSA. De 1936 a 1942 e, depois, de 1949 a 1955, dos quais os últimos quatro anos em voluntário e puro amadorismo, apesar de componente da equipa principal e sempre imbuído daquela «mística» que, por razões sentimentais e de vária ordem, qualquer outro clube não transmite aos seus atletas.

Pedem-me para reviver um episódio pitoresco passado na minha vida no mundo do futebol. Foram tantos, tantos, e alguns deveras recamboscicos que, desta feita, limitar-me-ei a recordar um, passado no Campo da Tapadinha, quando dum jogo entre o Atlético e a Académica:

— Jogo importante para as duas equipas, ambas com inteira necessidade de vencer. Claque da BRIOSA, inúmera naquele tempo, de um lado; claque do Atlético no outro, sobretudo nas bancadas mesmo sobranceiras à linha lateral. Tempo chuvoso e muitos guarda-chuvas...

O ponta-esquerda alcantareense isolou-se, com muito perigo, correndo em direcção às nossas redes guardadas pelo Capela. A marcação do golo era iminente. Estávamos a vencer por dois a um e o empate não nos convinha nada.

Face à rapidíssima e perigosa investida do adversário, não pensei duas vezes. Numa entrada mais dura, mas eficaz, choquei com o «fugitivo», derrubando-o e pontapeando a bola para longe.

Acto contínuo, caí um guarda-chuva junto de mim, agressivamente arremessado das bancadas por um ferrenho adepto do Atlético...

Com uma calma exuberante, apanhei o guarda-chuva e dirigi-me solícito ao respectivo sector das bancadas, perguntando muito delicadamente:

— Por favor, de quem é este guarda-chuva?

Sem dúvida, surpreendido com a minha solicitude, um dos espectadores levantou-se e confessou em voz um tanto tímida e também delicadamente:

— É meu!...

— Ah, é! — retorqui e, quase simultaneamente, quebrei o chapéu de chuva ao meio, contra a coxa, atirando-o de seguida, todo esfrangalhado, ao legítimo proprietário que, como é de calcular, me cumulou com os maiores insultos, em coro com os demais adeptos alcantarenses, numa barulheira infernal, perante o meu sorriso malandresco.

No final do encontro, recolhi aos balneários com um filão de polícias a salvaguardar a minha integridade física. Mas, valeu a pena.

A nossa BRIOSA ganhou por dois a um!

Já agora, deixai que relembre os meus companheiros de equipa, nesse memorável jogo da Tapadinha: — Capela, Branco e Braz, Eduardo Santos e Azeredo, Pacheco Nobre, Duarte, Macedo, Nana e Bentes (nesse tempo não havia «banco». Os iniciais tinham de se «aguentar» até ao fim. Mesmo aleijados... iam fazer número para o lugar de extremo).

Enfim, coisas do futebol de outras eras, de que retenho um manancial de saudosas recordações.

Porto 24.X.95 — António Curado  
(Dedicado ao Tito Costa Santos)

## À MEMORIA DE MIGUEL TORGA

### NATUREZA, ARTE E CULTURA

Nos continentes  
ressuscitados do âmago  
da terra e dos mares,  
a cultura  
une natureza e arte.  
Na Ibéria,  
com horizontes  
de Cervantes e Unamuno,  
outro Miguel  
entrosado nas montanhas  
onde a torga se enraíza,  
em voz de cristal  
nascida da rocha,  
deixou aspirações  
em luz de sol  
reflectida em páginas de livros,  
que são arautos  
a fazerem saber  
que na condição humana  
há explorações  
de sentimentos  
que levam a fronteiras  
de loucura,  
como se fossem originais  
girassóis de Van Gogh,  
aprisionados em naturezas mortas.

Fernanda Esteves

## CONFRATERNIZAÇÃO DE NATAL

Como já vem sendo tradição, a nossa Associação reuniu-se em 16 de Dezembro para comemorar a época festiva do Natal, desta vez no Espaço Chiado, sobranceiro ao casario da baixa pombalina e ao tapete de água do Tejo.

Após um alegre convívio durante o jantar, a Manuela Nogueira evocou o espírito do Natal, com poesia popular de Coimbra, lendo «Ofertas ao Menino»; dos Açores, com idêntico tema oriundo da ilha de S. Jorge; e da Madeira, localizando-o no Machico.

Seguiu-se a permuta de presentes, com o bulício e carinho que são peculiares a esta quadra natalícia.

A terminar, a vibração e amor que o Ângelo Araújo e o Alcindo Costa sabem dar às guitarras e ao fado de Coimbra.

\* \*

## FESTA DO CARNAVAL

Cerca de 80 nossos associados manifestaram, reiteradamente, a sua jovialidade de espírito e invejável resistência física na festa que — como é já tradição — se realizou no Hotel Penta na Sexta-Feira de Carnaval, abrilhantada com o conjunto musical «Lorenzo's Combo» e «sustentada» por um magnífico buffet e pelo reconfortante chocolate quente às 2 horas da madrugada!

\* \*

## SARAU «COIMBRA ENCANTA LISBOA»

Sob este lema, numa iniciativa da Casa da Académica em Lisboa que contou com a colaboração da nossa Associação na organização, realizou-se no Teatro de S. Luís, no passado dia 22 de Abril, uma grandiosa Noite de Coimbra.

Teve a apresentação do colega Nascimento Ferreira, com o brilhantismo do melhor profissional.

Depois de breves palavras do Dr. João Castilho, da Casa da Académica em Lisboa, a primeira parte começou com um Grupo de Fados de jovens estudantes de Coimbra, onde sobressaíu um nável guitarrista, de seu nome Tiago Henriques da Cunha, o qual veio demonstrar (se é que era preciso!) que os

«rouxinóis» continuam afinados nos campos do Mondego.

Seguiram-se momentos de boa disposição, com as sempre apreciadas «imitações» do Nascimento Ferreira; e de emoção com a Poesia dita pelo Francisco de Vasconcelos e pela Ilda Pedroso.

Na segunda parte, a alegria da juventude académica em pleno: as «FANS», uma «estudantina» constituída apenas por raparigas estudantes, apoiantes entusiásticas da nossa Académica, revelando boa qualidade musical, uma presença da graça e da beleza de uma Academia sem complexos, onde a Mulher disputa directamente ao Homem os seus lugares tradicionais; e a «FAN-FARRA da Académica», com alegria transbordante, humor e irreverência quanto baste.

Na terceira parte, os «consagrados» «Grupo Serenata de Coimbra» (Francisco de Vasconcelos e Serrano Baptista, nas guitarras, João Gomes e Costa Brás, nas violas) e os cantores Barros Ferreira, Tito Costa Santos, Alcindo Costa e José Henrique Dias; e a «Tertúlia Académica Torre d'Anto» (Alexandre Bateiras, à guitarra, e José Tito, à viola), acompanhando Fernando Marcelino, Arménio Marques dos Santos, Sutil Roque, Luís Goes e Augusto Camacho.

A convite deste Grupo, o Manuel Alegre veio ao palco dizer alguns dos seus poemas, vibrantemente aplaudidos; e o Tito Costa Santos, numa sentida homenagem ao saudoso Fernando Mendes Silva, veio cantar o «Homem Só, Meu Irmão», do Luís Goes.

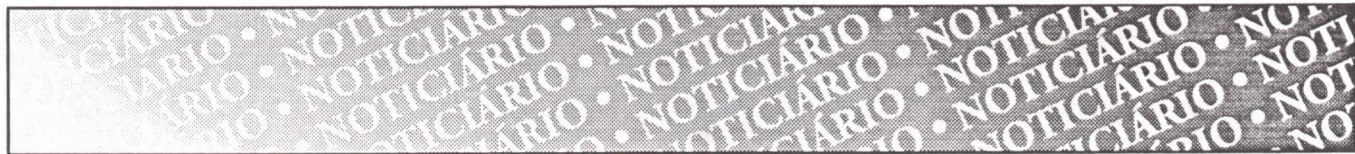
No final, a Balada da Despedida do 6.º Ano Médico de 1958, cantada por todos, a coroar uma noite de encanto que juntou Antigos e Actuais Estudantes de Coimbra numa «exemplar» colaboração entre a Casa da Académica em Lisboa e a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e se espera tenha continuidade em anos futuros.

\* \*

## PONTOS DE ENCONTRO

Constituiu também uma manifestação de desinteressada solidariedade o convite que a Casa da Académica em Lisboa fez à nossa Associação (representada pela Presidente e pelo Tesoureiro) para o seu jantar anual, no passado dia 4 de Maio, onde foi lançado o Livro da Académica, preciosa antologia de histórias de Coimbra, que os nossos Associados ali presentes não hesitaram em adquirir.

(Continua na página seguinte)



Mas o momento mais alto, em significado e projecção, ocorreu no dia do cortejo da Queima das Fitas, quando, por iniciativa da Direcção da nossa Associação, a Fátima Lencastre, o Chichorro Rodrigues e o Fernando Paula dialogaram com três membros da Direcção dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra, na sua sede, registando-se sentidos protestos de futuros intercâmbios e colaboração, num clima de fraternidade que esta foto ilustra bem:

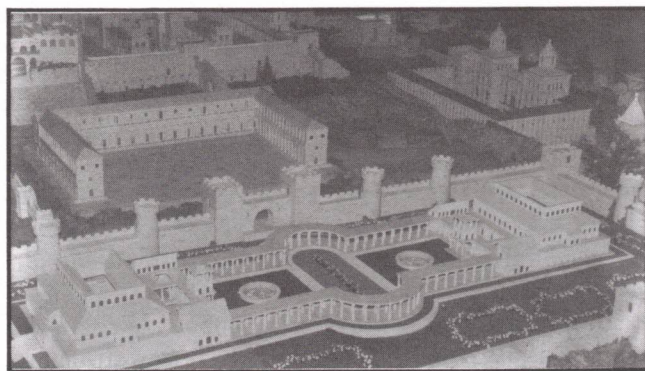


★ ★  
★

### JERUSALÉM - ANO 33

Este foi o título dado a uma excelente exposição que, em maquetas de madeira, da autoria dos Irmãos José e Casimiro Matias, reproduz a Cidade Santa no Tempo de Cristo e esteve patente na Igreja do Sacramento, em Lisboa, no período da Páscoa, até 14 de Maio.

A cerimónia da inauguração realizou-se no dia 6 de Abril, perante várias entidades religiosas, civis e militares, destacando-se a presença do Cardeal Patriarca de Lisboa.



Com grande surpresa do nosso colega Ângelo Araújo, a cerimónia encerrou com a «Avé-Maria», de sua composição, cantada soberbamente pela jovem Albina Gouveia Basílio. No final, o Cardeal Patriarca fez entrega de uma medalha comemorativa ao nosso colega Araújo.

Perante o êxito obtido repetiu-se no dia 5 de Maio a audição da «Avé-Maria», em cerimónia vespertina, com a presença do autor, da Presidente da Direcção da nossa Associação e de alguns associados. Foram também declamados alguns poemas religiosos da autoria de antigos estudantes de Coimbra e cantada — com o beneplácito do capelão Manuel Pedro — a «Samaritana».

À noite, no restaurante Valenciana, o capelão Manuel Pedro e a jovem Albina Basílio estiveram presentes no jantar habitual.

★ ★  
★

### PRÓXIMAS ACTIVIDADES

— **Jantar Mensal** — No dia 2 de Junho, no Restaurante «A Valenciana».

— **Festa dos Santos Populares** — No dia (e todo) 24 de Junho, na Quinta da Granja, ao Carregado, com transporte, almoço, espectáculo variado, pôr-do-sol (alimentado) e concurso das Quadras dos Santos Populares, com muitas surpresas!

★ ★  
★

### 25.º DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

(prateado...)

A pedido da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra, informa-se que terá lugar nos dias 3 e 4 de Junho, nesta cidade, o encontro anual dos antigos estudantes, com um programa aliciante e memorável (Telef.: 039 248 10).

Dada a proximidade, a Direcção não pode oferecer a deslocação colectiva que desejaria, mas lança o chamamento a todos os que puderem encontrar-se nesta manifestação (não subversiva...) da Solidariedade Académica que nos une!!!

Será desta vez que os nossos colegas contribuem para a divulgação do Capa e Batina, enviando os selos do porte?!